

A reinterpretação niilista da herança cristã à luz do pensamento de Gianni Vattimo

The nihilistic reinterpretation of the Christian heritage in the light of Gianni Vattimo's thought

Douglas Ferreira Barros¹

Irineu Bottoni²

RESUMO

O presente artigo tem o intuito de analisar a reinterpretação niilista da herança cristã à luz do pensamento de Gianni Vattimo. Buscamos identificar o vínculo entre secularização na pós-modernidade, religião e niilismo, bem como situar o *pensiero debole* do filósofo Italiano Gianni Vattimo como uma postura niilista da ontologia hermenêutica. A pergunta que queremos responder é como a reinterpretação niilista da herança cristã pode contribuir para a formação dos traços constitutivos da Cultura Ocidental? A metodologia que utilizamos no artigo é uma análise hermenêutica das obras de Gianni Vattimo. Como resultado esperamos destacar o papel da secularização, que para o filósofo italiano, é um processo interior ao cristianismo. Vattimo propõe que a secularização seja vista como um mecanismo de desvelamento do sagrado natural a partir *Kênosis*. A secularização é a efetiva realização do cristianismo como religião não sacrificial, e isso nos levaria a uma ética de não violência.

Palavras-chave: Secularização; Niilismo; Enfraquecimento; *Pensiero Debole*; Vattimo.

ABSTRACT

This article aims to analyze the nihilistic reinterpretation of the Christian heritage in the light of Gianni Vattimo's thought. We seek to identify the link between secularization in postmodernity, religion, and nihilism, as well as to situate the *pensiero debole* of the Italian philosopher Gianni Vattimo as a nihilistic posture of hermeneutic ontology. The question we want to answer is how can the nihilistic reinterpretation of the Christian heritage contribute to the formation of Western Culture? The methodology used is a hermeneutic analysis of the works of Gianni Vattimo. As a result, we hope to highlight the role of secularization, which for the Vattimo is an inner process of Christianity. Vattimo proposes that secularization be seen as a mechanism for unveiling the natural sacred based on Kenosis. Secularization is the effective realization of Christianity as a non-sacrificial religion, and it would lead us to an ethic of non-violence.

Keywords: Secularization; Nihilism; weakening; Weak thought; Vattimo.

¹ Douglas Ferreira Barros (*Faculty Member*) é Professor de Filosofia Social e Política da Faculdade de Filosofia e do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião na PUC-Campinas (Campinas-Brasil). E-mail: dfbarros@puc-campinas.edu.br

² Mestre em Ciências da Religião pela PUC-Campinas. E-mail: bottoniirineu@gmail.com

Introdução

O interesse deste artigo concentra-se na resposta que o filósofo italiano dá a um sentimento, bastante comum a quase todas as pessoas, de que vivemos em uma sociedade de angústia, de violência e de extrema expectativa sobre a nossa capacidade ou incapacidade de construirmos uma sociedade mais igualitária, inclusiva e justa para todos. Vattimo postula que nós, humanos, que analisamos o mundo ao nosso redor, podemos também imaginar como ele pode ou poderia ser diferente. Transformar projetos em realidade ou, em último caso, pelo menos, tentar traduzir esse desejo de um mundo melhor em ações mais inclusivas e não violentas, através de um pensamento menos dogmático e sem verdades últimas, é aquilo que o filósofo italiano Gianni Vattimo acredita que conseguiríamos através do preceito cristão da *Caritas*.

É nesse cenário que estudamos Gianni Vattimo e seu projeto filosófico. Para entender o presente, Vattimo postula uma nova ontologia, designada como ontologia *debole* ou ontologia da atualidade. Para entender o presente, ele afirma, é necessário um salto interpretativo na tradição e de toda a herança que nos constitui como pessoas. Esse salto interpretativo na tradição, para ele, acaba se constituindo em um retorno às nossas origens religiosas cristãs e a toda a metafísica nela envolvida, com seus fundamentos últimos e suas verdades sacralizadas. A metafísica possuindo, pelo menos, dois sentidos: o primeiro, que concebe “o ser como presença peremptória e evidente, com todas as suas estruturas acessíveis à razão e passíveis de serem expressas pela linguagem” e, o segundo, “é a história do esquecimento do ser em favor do ente” (PIEPER, 2007, p. 10), ou seja, a metafísica é objetividade. Ao estudar o ser em nossa atualidade, inserido na sociedade técnico-cientificista, a sociedade de organização total, a metafísica revela sua essência, que é o niilismo.

O niilismo como essência da metafísica é expresso em dois aspectos com a influências do pensamento de Nietzsche: o primeiro revela que “não há fatos, só interpretações” e, o segundo, que “Isto já é uma interpretação” (Vattimo, 2001, p. 17). Vattimo define isso como um jogo de interpretações, que é sempre, de fato, um conflito. “É conflito porque a interpretação indica um *telos*, um ideal regulatório na direção à qual se quer mover, que é justamente o que ocorre também com a noção nietzschiana de vontade de poder (Vattimo, 2001, p. 19).

O niilismo, como essência da metafísica, também tem um terceiro aspecto baseado no pensamento de Heidegger. Na visão do filósofo Italiano, Heidegger se esforçou para justificar a própria filosofia em termos epocais, que “busca dar conta de todo o mundo do qual a hermenêutica quer ser teoria, interpretação etc” (Vattimo, 2001, p. 24). A hermenêutica é a filosofia que coloca em sua essência o fenômeno da interpretação. Qualquer conhecimento do real está, portanto, influenciado pela herança de quem interpreta, e nunca é espelho objetivo “das coisas lá fora” (Vattimo, 2001, p. 24).

Nesse aspecto, qualquer estrutura de conhecimento do sujeito precisa ser “reconhecida na sua radical historicidade. Não só não conhecemos nunca a não ser fenômenos; mas esses se dão somente no quadro do que Heidegger chama um projeto jogado” (Vattimo, 2001, p. 25). Baseado nisso, poderíamos dizer que a hermenêutica

possui um sentido amplo. A hermenêutica torna-se a propagação, a difusão incontrollável de interpretações, que Vattimo define como a *Koiné* hermenêutica. Para falar do mundo ocidental, que é a nossa condição pós-moderna, temos que pensar na difusão generalizada de interpretações, e esse seria para ele o primeiro passo para uma ontologia da atualidade.

O niilismo, então, poderia ser entendido nos sentidos dados por Nietzsche e por Heidegger. Em Nietzsche, o niilismo seria a dissolução de algum fundamento último (Deus está morto e o mundo verdadeiro se tornou fábula) e, em Heidegger, o niilismo surge com a difusão da interpretação na sociedade pós-moderna.

Vattimo afirma que é somente possível a superação da metafísica através do niilismo. Para entender essa afirmação, basta verificarmos a variedade de interpretações que temos hoje para um mesmo acontecimento, descrita assim:

[...] parece que justamente o realismo, diante de um fenômeno tão complexo e vasto como o niilismo difuso na cultura e na existência de hoje (a *koiné* hermenêutica nos seus múltiplos aspectos), deveria recusar-se de explicá-lo como o resultado de um banal erro lógico, como se fosse verossímil que uma cultura inteira tenha subitamente esquecido o princípio da não contradição (Vattimo, 2001, p. 23).

Para o filósofo italiano, na sociedade pós-moderna, chamada por ele de sociedade de comunicação generalizada, a *Koiné* hermenêutica, ou seja, o niilismo difuso na cultura e na existência de hoje, impede a existência de um fundamento último.

[...] O mundo é fenômeno, quer dizer uma ordem de coisas que o sujeito entra ativamente a constituir. (...) depois, de Heidegger, estas estruturas veem reconhecidas na sua radical historicidade. Não só conhecemos nunca a não ser fenômenos; mas esses se dão somente no quadro que Heidegger chama de um projeto jogado. Conhecer, ao nível das puras e simples percepções espaço-temporais, significa construir um fundo e um primeiro patamar, ordenando as coisas com base numa pré-compreensão que exprime interesses, emoções e que herda uma linguagem, uma cultura, formas históricas de racionalidade. As coisas aparecem – se dão como entes, “veem ao ser” -, só no horizonte de um projeto. Senão não se deixam nem mesmo distinguir do fundo entre elas (Vattimo, 2001, p. 25).

Nenhuma interpretação pode se isolar em um local de neutralidade, que garanta a objetividade do discurso. O *pensiero debole* de Vattimo, com seus fundamentos hermenêuticos niilistas, deve estar inserido em uma historicidade, em um conjunto de heranças e mensagens que nos são enviados do passado, de toda tradição herdada.

Superar a metafísica, então, teria o sentido de ultrapassar (*Verwindung*) a tradição que herdamos na forma de cultura, de linguagem, formas históricas de racionalidades, procurando abordá-la em aspectos esquecidos, não revelados.

Baseado nessa atitude filosófica, chamada *pensiero debole*, Vattimo procura retornar à experiência religiosa da tradição, mostrando a debilidade dos conceitos metafísicos, os fundamentos últimos e verdades sacralizadas. Quando debilitados, na opinião de Vattimo, através de uma interpretação hermenêutica niilista, poderíamos não só imaginar, mas também criar um mundo melhor, mais pluralista e mais inclusivo, pois a tradição religiosa que herdamos é uma tradição que repudia a violência, mas na qual, talvez, esse aspecto esteja esquecido.

É nesse cenário contemporâneo ou pós-moderno a que Vattimo se refere que vamos procurar analisar, entender e explorar a influência da herança cristã em nossa tradição, e como ela, depois de interpretada como uma herança baseada no conceito de caridade, poderia ou poderá levar a uma “Ética da não Violência” baseada no preceito cristão do amor ao próximo. Vamos iniciar nossa análise verificando a relação estabelecida por Vattimo entre cristianismo e niilismo.

1. Herança cristã e niilismo

No livro *Crer que se Crê*, O filósofo Italiano Gianni Vattimo descreve que a herança cristã tem um sentido amplo, refere-se à nossa cultura geral que, segundo ele, foi “trabalhada” e forjada pela mensagem cristã, principalmente pela revelação bíblica do Antigo e do Novo Testamentos. Em sentido pessoal, o autor italiano classifica o cristianismo como herança, porque, para ele, o cristianismo fez parte de sua vida desde sua infância, algo presente diariamente, parte importante de seu passado que foi deixado de lado. Essa herança volta à sua vida, se é que um dia deixou de estar presente, depois de suas reflexões inspiradas em Nietzsche e Heidegger.

Ele descreve essa herança que recebeu do cristianismo como as reflexões inspiradoras recebidas do pensamento de Nietzsche e de Heidegger, e sua volta para o cristianismo como uma relação de “circularidade”, e acredita que pode ser, inclusive, escandalosa do ponto de vista da lógica. Porém, acredita que, ao analisar e refletir os textos de Nietzsche e de Heidegger, consegue viver e reinterpretar sua condição existencial na sociedade contemporânea.

[...] volto a pensar seriamente no cristianismo porque construí para mim uma filosofia inspirada em Nietzsche e Heidegger, à luz dela, interpretei minha experiência no mundo atual; mas, muito provavelmente, construí essa filosofia preferindo esses autores por obter partido justamente da herança cristã que ora creio reencontrar, mas que, na verdade, nunca abandonei de verdade (Vattimo, 2018a, p. 24).

Essa circularidade de seu retorno para religião ele observa também na contemporaneidade: a relação da sociedade ocidental com a herança judaico-cristã. Depois de algumas leituras e conversas com René Girard, Vattimo (2018a) decide assumir, em forma de texto, suas reflexões e seu modo de entender o nexos entre cristianismo e niilismo.

Vattimo acredita que o pensamento heideggeriano, caracterizado no sentido “fraquista” (débil) é onde sua inspiração cristã mais se faz sentir. Apenas recordando o sentido “fraquista” de Heidegger na interpretação de Vattimo: “O ser que se dá. Doa-se. Acontece. Dá-se tornando-nos possíveis, torna-nos possíveis com um ato de amor” (Vattimo, 2018b, p. 20).

[...] se de fato, não é possível continuar a crítica heideggeriana à metafísica objetivista substituindo-a com uma concepção mais adequada do ser (portanto, ainda pensado como objeto), então é preciso conseguir pensar no ser não identificado, em nenhum sentido, com a presença característica do objeto (Vattimo, 2018a, p. 25).

Para o autor italiano, todo projeto de reapropriação de uma essência ameaçada é inútil. Não se pode impedir a saída niilista, segundo sua visão. Também não se pode considerar a história do niilismo apenas como história do pensamento; “como se a metafísica - que identifica o ser como objeto e, no fim reduz a um produto de vontade de potência – fosse apenas ideias dos homens, dos filósofos, dos cientistas ocidentais na sua independência objetiva” (Vattimo, 2018a, p. 25-26).

Para Vattimo o ser possui uma vocação niilista que tem como traço o enfraquecimento, redução, subtração precisamente na época do fim da metafísica, o que o tornaria um problema para a objetividade. Dessa maneira, o pensamento heideggeriano como “ontologia *debole*” “pode ser concebida como um reencontro com o cristianismo e como resultado permanente de sua herança” (Vattimo, 2018a, p. 26).

Vattimo (2018c) relata que, a partir de suas reflexões sobre a obra de René Girard, *Das coisas escondidas desde a fundação do mundo*, inicia-se seu pensamento sobre a relação entre filosofia (*Pensiero debole*) e mensagem cristã. Vattimo assim descreve:

[...] Da obra de Girard, da qual me aproximei lendo antes *Delle cose nascoste sin dalla fundazione del mondo*, é fato que, num certo momento, me via pensando que a leitura “fraquista” de Heidegger e a ideia de que a história do ser tem como fio condutor o enfraquecimento das estruturas a suposta peremptoriedade do real, dado “lá fora” como um muro contra o qual se vai trombar (trata-se de uma imagem da realidade do ser, no fundo, da transcendência de Deus...), não fosse outra coisa senão a transcrição da doutrina cristã da encarnação de Deus (Vattimo, 2018a, p. 27).

O que Vattimo procura fazer é conceber a doutrina cristã da encarnação do filho de Deus como um anúncio de uma ontologia de enfraquecimento. Ao se deparar com o muro com o qual se vai trombar, na analogia de Vattimo (2018a), deve-se reconhecer a efetividade do real. Falar da transcendência de Deus seria, portanto, reconhecer a efetividade da doutrina cristã da encarnação do filho de Deus, em termos de novas reflexões, em termos de enfraquecimento, como foi o exemplo dado pelo próprio Jesus. Isso faria sentido? Poderíamos relacionar a encarnação do filho de Deus com uma teoria

de enfraquecimento, de debilidade? Para responder esse questionamento, procuramos entender a obra de René Girard.

Vattimo procura na obra de René Girard, chamada *A violência e o sagrado* (para ele, um texto de antropologia filosófica), uma teoria sobre o desenvolvimento da civilização humana. É fundamental, portanto, atentarmos para a influência do pensamento de Girard na compreensão que Vattimo possui sobre o desenvolvimento da civilização e especificamente do cristianismo.

Girard (2008), em sua obra *A violência e o sagrado*, centra suas reflexões no que considera ser os eventos primordiais do processo civilizatório. Para ele, “há um mistério do sacrifício” (Girard, 2008, p. 12) e, destacando o papel da violência fundadora, apresenta uma nova teoria do sagrado, que lhe permite um reexame dos grandes temas míticos e rituais. Para explicar “o mistério do sacrifício”, ele procura remontar o que denomina a origem de toda violência. Na visão de Girard, as religiões arcaicas são baseadas na necessidade de criar vítimas para manter a ordem na sociedade. O impulso mimético dos humanos para desejar sempre as mesmas coisas que desejam os outros, tende a um tipo de “conflito que é interno, recíproco e potencialmente interminável, que instaura círculos viciosos de violência aos quais nenhum sistema ‘judicial’ consegue pôr freio” (Girard, 2010b, p. 24).

Esse impulso mimético dos humanos em desejar sempre as mesmas coisas que os outros desejam aumenta, até que a violência ameaça consumir a sociedade. Essa crise se conclui como uma alteração repentina da unanimidade mimética, pela qual a violência da comunidade, “a violência coletiva, polariza-se sobre uma única vítima, eleita por razões arbitrárias: por meio de seu assassinato, volta a ser restabelecida a ordem social” (Girard, 2010b, p. 24).

Um bode expiatório sacrificial é morto para evitar a destruição da sociedade. Com o tempo, surge um rito que assume um caráter sagrado e divino. Para Girard, “sacrifício” significa, de fato, “tornar sagrado”. O mito das religiões naturais coloca em cena uma farsa, na qual acredita a multidão tomada pelo paroxismo, pela agonia mimética, acredita Girard.

Em um texto chamado “*Das coisas ocultas desde a fundação do mundo*”, Girard aplica sua teoria “sobre o sacrifício” ao cristianismo. Toda a Bíblia é, então, analisada como texto antropológico. Vattimo (2018a) classifica René Girard como sua inspiração, e confessa que a leitura desse texto o ajudou a tornar “possível compreender a essência eventual e histórico-progressiva do cristianismo e da modernidade” (Vattimo, 2010a, p. 27).

Para Girard (2010b), o cristianismo, do ponto de vista sociológico e antropológico, nega a ordem e as leituras míticas, uma vez que descreve a mesma cena, mas o faz do ponto de vista da vítima, que é sempre inocente. O Novo e o Antigo Testamento, para René Girard, são uma tentativa de demonstrar esse mecanismo baseado na vítima. Girard acredita que Jesus foi colocado na cruz para revelar esse mecanismo sustentado na vítima, ao invés de ser o sacrifício perfeito, como propõe a teologia cristã. Esse tipo de consciência, para Girard, “leva à ruptura daquele mecanismo

de menosprezo, de aparência cognitiva que estava na base do esquema mítico: de agora em diante, não podemos fazer de conta que não sabemos que a ordem social está construída sobre peles de vítimas inocentes” (Girard, 2010b, p. 26).

Para Girard (2010b), o cristianismo tem trazido uma ruptura na história do homem e, em particular, na história das religiões. As religiões, para ele, foram aquilo que permitiu às comunidades primitivas não se autodestruírem. O ser humano e suas dinâmicas sociais violentas, tais como represálias, vinganças, o querer retribuir olho por olho e dente por dente, encontram na religião um freio desse mecanismo violento. Descrevendo a mitologia e os mitos de origem, Girard (2010b) cita a força de um linchamento fundador, uma expulsão, no início real e, depois, simbólica, de vítimas inocentes como um esquema de estrutura mítica das culturas e das religiões primitivas. No mito, o ponto de vista “é sempre aquele da comunidade violenta que descarrega sua violência sobre uma vítima que julga culpada e por meio da expulsão restabelece a ordem social” (Girard, 2010b, p. 25). A vítima é sempre apresentada como culpada.

O cristianismo inverte totalmente essa ordem e leitura mítica, e descreve a mesma cena, mas do ponto de vista da vítima, que é sempre inocente. Jesus revela a lógica entre o sagrado e a violência e, ao fazer isso, nos tira daquele mecanismo fundamental da ordem social e religiosa arcaica, iniciando uma nova fase da história do homem.

O cristianismo é, do ponto de vista sociológico e antropológico, “destruidor daquele tipo de religião que une e alia as pessoas contra vítimas arbitrárias, como todas as religiões naturais sempre fizeram, com exceção das religiões bíblicas” (Girard, 2010b, p. 25).

Vattimo (2018a) descreve que essa revelação de Girard, a revelação do sistema vitimário que está na base da religião, o ajudaram a dissolver crenças próprias das religiões naturais, o ajudaram na dissolução dos elementos de violência natural, de sagrado natural, que ainda existem na igreja.

[...] Girard sustenta, a meu ver com bons motivos, que essa leitura vitimária das Escrituras está errada. Jesus não se encarna para fornecer ao Pai uma vítima aquedada à sua ira, mas vem ao mundo justamente para desvelar e, por isso, também liquidar o nexos entre violência e sagrado. Ele é morto porque tal revelação resulta em ser intolerável demais aos ouvidos de uma humanidade arraigada na tradição violenta das religiões sacrificiais (Vattimo, 2018a, p. 29).

Na visão de Girard, descrita por Vattimo, a teologia cristã perpetua o mecanismo vitimário. Jesus Cristo é a “vítima perfeita” que com seu sacrifício de valor infinito, como infinita é a pessoa humano-divina de Jesus, satisfaz plenamente a necessidade de justiça de Deus pelo pecado de Adão.

Para Vattimo a revelação bíblica nos Antigo e Novo testamentos é um processo educativo de Deus com a humanidade que caminha em direção diferente e distante da religião natural, do sacrifício exigido por ela. O sentido educativo ainda não está completo “e é esse o sentido das sobrevivências vitimadas na teologia cristã” (Vattimo,

2018a, p. 29). A herança cristã é o elemento niilista dentro da religião natural, dissolvendo seu discurso de culpabilidade das vítimas e invertendo os valores.

2. Encarnação e secularização: um reencontro niilista do cristianismo

Vattimo procura conceber a doutrina cristã da encarnação do filho de Deus como um anúncio de uma ontologia de enfraquecimento. Falar da transcendência de Deus seria, portanto, reconhecer a efetividade da doutrina cristã da encarnação do Filho de Deus, em termos de novas reflexões, em termos de enfraquecimento, como foi o exemplo dado pelo próprio Jesus.

Além de sua inspiração em Nietzsche e Heidegger, Vattimo (2018a) procura na obra de René Girard chamada *A violência e o sagrado*, sobre o qual esclarece ser um texto de antropologia filosófica, uma teoria sobre o desenvolvimento da civilização humana. Para ele, a obra de Girard é muito rica e articulada, e faz destaque de duas de suas principais ideias em sua teoria: a primeira é o reconhecimento de que a pedagogia divina ainda está em curso, isto é, a revelação não está totalmente concluída (Vattimo, 2018a, p. 30), ainda que essa ideia não se coloque de maneira explícita; a segunda, é a ideia de encarnação como dissolução do sagrado enquanto violento.

Vattimo (2018a) acredita ainda que Girard é herdeiro da teologia do século XX, que insistiu na diferença radical entre fé e religião. A religião, nessa teoria, tem para o filósofo italiano o sentido natural da propensão do homem para se pensar dependente de um ser supremo, nada mais que uma projeção dos desejos humanos, abrindo-se, assim, à crítica inaugurada por Feuerbach e continuada por Marx.

Para um reencontro niilista do cristianismo, Vattimo acredita que basta ir um pouco além de Girard, e admitir também que o sagrado natural é violento, não apenas enquanto mecanismo vitimário sedento de vingança, “mas também enquanto atribui a essa divindade todas as características de onipotência, absolutismo, eternidade e “transcendência com relação ao homem” (Vattimo, 2018a, p. 31), pois essas são as características conferidas a Deus pelas religiões naturais.

Baseado nesse reencontro niilista do Cristianismo que Vattimo procura fazer, chegaríamos aos atributos conferidos a Deus pelas teologias naturais e, não por coincidência, chegaríamos também a todos os atributos considerados princípios da fé cristã. Nesse reencontro niilista do cristianismo, admitindo que o sagrado natural seja violento não apenas como mecanismo vitimário, “mas também que atribui a essa divindade todas as características de onipotência, absolutismo, eternidade e “transcendência” em relação ao homem” (Vattimo, 2018a, p.31), nessa perspectiva, Vattimo acredita que o Deus violento de Girard é o Deus da metafísica. Esse Deus que a metafísica chamou de *Ipsum esses subsistem* (o Deus da própria subsistência – em tradução livre), para Vattimo sintetiza de forma eminente todas as características do ser objetivo como ela o concebe.

Para Vattimo (2018a), a dissolução da metafísica é também o fim dessa imagem de Deus, é a morte de Deus falada por Nietzsche. Mas esse fim do Deus metafísico não pode ser visto como um reencontro com o Deus cristão só porque revela e nos liberta do campo dos preconceitos da religião natural. Como o fim da metafísica, tem também o sentido de desvelar o ser ao afirmar a própria verdade mediante ao seu enfraquecimento. A ontologia *debole* não seria uma preparação negativa do retorno da religião, mas

[...] a encarnação, ou seja, o abaixamento de Deus ao nível do homem, a que o Novo Testamento chama de *Kênosis* de Deus, deve ser interpretada como sinal de que o Deus não violento e não absoluto da época pós-metafísica tem como traço distintivo a mesma vocação ao enfraquecimento de que fala a filosofia de inspiração heideggeriana (Vattimo, 2018a, p. 31-32).

Essa passagem parece ser bastante importante na teoria do filósofo italiano. A encarnação, isto é, o abaixamento ou rebaixamento de Deus, o que o Novo Testamento chama de “*Kênosis* de Deus”, o seu auto esvaziamento, assumindo o papel de servo e tornando-se semelhante aos homens, apresentando-se como simples homem, é uma saída hermenêutica niilista procurada por Vattimo na volta da religião. A *Kênosis* de Deus tem centralidade na teoria de Vattimo e deveria ou deverá ser interpretada como um sinal de que o Deus não violento e não absoluto da época pós-metafísica tem como característica principal sua vocação para o enfraquecimento de que fala a ontologia de Heidegger.

Para Vattimo, o que a filosofia e o pensamento religioso “ganham” com esse reconhecimento é uma “descoberta” decisiva. Reconhecer a relação entre ontologia *debole* e encarnação foi decisivo, pois lhe permitiu restabelecer a continuidade da sua vida religiosa. Nas palavras do autor, encontrou “um conjunto de fios de discursos que tinha deixado suspenso, e que agora pareciam reencontrar coerência e continuidade” (Vattimo, 2018a, p. 32). Reconhecer a relação entre ontologia *debole* e encarnação significa que a pedagogia divina ainda está em andamento.

Descobrir o nexa entre a história da revelação e a história do niilismo é confirmar a validade do discurso heideggeriano sobre metafísica e seu fim. Era também, e principalmente, descrever que se interpretava como niilismo a história da religião cristã, que “não só faz parte da história do Ocidente, mas constitui também uma espécie de fio condutor desta” (Vattimo, 2018a, p. 33).

O fio condutor encontrado pelo autor é que deveríamos considerar a secularização como fato interior ao cristianismo, ligado positivamente ao sentido da mensagem de Jesus Cristo na encarnação, e a história da Pós-modernidade como uma dissolução e debilitamento do ser metafísico.

Na hermenêutica niilista de Vattimo, a secularização vista como um êxodo do cristianismo, ao ser comparada com o enfraquecimento de Jesus na *Kênosis*, passa a ser um evento positivo e com nexa em relação ao evento do enfraquecimento do ser na história do Ocidente.

Para o filósofo Italiano, abre-se o caminho para uma concepção de secularização como fato interior ao cristianismo, então, “ligado positivamente ao sentido da mensagem Jesus, e uma concepção da história da modernidade como enfraquecimento e dissolução do ser (da metafísica)” (Vattimo, 2018a, p. 33). Ele não teme a desconfiança, que define como preconceituosa, dessa sua linha de pensamento, porém, acredita que, além de razoável e persuasiva, seria

[...] uma maneira de aceitar acriticamente uma concepção apocalíptica ou, ao menos, fragmentária do ser, uma espécie de teologia negativa que se satisfaz com que reconhecer Deus não é adequadamente nomeável com nenhum dos nomes que lhe possamos dar (Vattimo, 2018a, p. 33).

Aceitar acriticamente uma concepção fragmentária do ser significaria, dentro do *pensiero debole* de Vattimo, é pensar no ser como evento (*Ereignis*), e a verdade seria uma mensagem que deveríamos agora interpretar.

Outro ponto importante ressaltado por Vattimo nessa última passagem que destacamos é que o Deus sobre o qual agora podemos falar não seria o Deus da metafísica, que não é adequadamente nomeável com qualquer dos nomes que pensemos lhe dar.

Temos a herança cristã e, na Pós-modernidade, procuramos nos desvencilhar de toda e qualquer objetividade da realidade. O Deus de que podemos falar é o Deus bíblico, assim, o discurso filosófico sobre Deus não estaria mais preso à existência ou não de Deus. A filosofia, de maneira interpretativa, deve rememorar sua herança cristã, voltar ao texto bíblico, como esse da *Kénosis* de Deus, e se reencontrar com o Deus cristão, não metafísico, não violento, não bizarro da metafísica.

Vattimo insi em retomar a experiência religiosa na *Kénosis* de Deus, pois para ele não se trata de recordar a origem esquecida, tornando-a inteiramente presente, mas de recordar que ela sempre foi esquecida e que a recordação desse esquecimento e desta distância é aquilo que constitui a única experiência religiosa autêntica.

O reencontro niilista com o cristianismo é o momento no qual o ser humano está livre de sua objetividade e não mais prevê a uma compreensão definitiva e objetiva da realidade; é o momento em que o pensamento se dá como interpretação, uma hermenêutica niilista.

Para o autor, a “pedra angular” de todo esse discurso sobre religião, realizado até aqui, é, portanto, a secularização que pode ser descrita como uma desvinculação da civilização laica moderna de suas origens do sagrado, e poderia ser interpretada de outra maneira se entendêssemos o sagrado natural como um mecanismo violento que Jesus veio desvelar e desmentir.

Para o filósofo italiano, se interpretamos que o sagrado natural é um mecanismo violento que Jesus veio desmentir, torna-se possível que a secularização tenha também outra interpretação, um modo positivo do ensinamento de Jesus, que nos aproximaria dele, ao invés de distanciar.

Naturalmente, para Vattimo, a secularização, mesmo em uma nova interpretação, poderia ter impactos na Igreja e nos indivíduos, descritos assim:

[...] perda de autoridade temporal por parte da Igreja, autonomização da razão humana em relação à dependência de um Deus Absoluto, Juiz ameaçador, de tal modo transcendente em relação às nossas ideias do bem e do mal a ponto de parecer um soberano caprichoso e bizarro (Vattimo, 2018a, p. 34).

O sentido “positivo” da secularização, a ideia de que a Modernidade laica é constituída também e sobretudo, como continuidade e interpretação de-sacralizante da mensagem bíblica vem de Max Weber, com sua tese sobre o capitalismo moderno como efeito da ética protestante e a ideia de que a racionalização da sociedade moderna é incompatível fora do monoteísmo judaico cristão. Para Vattimo então, é fundamental “a ideia de ‘dessacralização’ do sagrado violento, autoritário e absoluto da religiosidade natural - da Modernidade como secularização” (Vattimo, 2018a, p. 34).

A obra de Max Weber é um dos textos básicos para a descrição da modernidade em termos de secularização, e Vattimo assim a descreve:

[...] a relação entre capitalismo e a ética cristã é uma relação de aplicação interpretativa e não de abandono ou oposição polêmica. Segundo Weber, o capitalismo só pode ser explicado como consequência daqueles princípios éticos. O sentido em que emprego o termo secularização é exatamente este: uma aplicação interpretativa da mensagem bíblica que a desloca para um plano que não é estritamente sacramental, sagrado, eclesiásticos (Vattimo, 2004, p. 59-60).

Podemos notar que Vattimo procura, no pensamento de Weber, a relação entre capitalismo e ética cristã, e busca relacioná-lo com sua interpretação de secularização como parte do cristianismo. Se em Weber a ética cristã e o capitalismo são uma relação interpretativa, Vattimo busca a mesma relação interpretativa com a secularização e o cristianismo.

Vattimo defende que poderíamos citar muitos outros sentidos ligados à ideia de dessacralização do sagrado enquanto violento, absoluto da religião natural, da modernidade como secularização, por exemplo, do poder estatal da monarquia de direito divino à monarquia constitucional e desta às atuais democracias representativas, também em termos de secularização.

Norbert Elias é também usado por Vattimo para falar de secularização como essência da modernidade. Vattimo explica que as obras de Elias têm sempre como objetivo “ilustrar as transformações modernas do poder no sentido de uma formalização que o despoja cada vez mais do caráter absoluto ligado à soberania de uma pessoa sagrada” (Vattimo, 2018a, p. 35).

Um ponto muito interessante que gostaríamos de destacar é que, para Vattimo, entre tantas outras coisas, ocorre também a secularização da

[...] subjetividade moderna, no sentido de, ao entrar num sistema de relações sociais e de poder mais complexo do que o da relação com uma pessoa soberana deve também necessariamente articular-se de acordo com um sistema de mediação que tornam a subjetividade menos peremptória, a predispõe para tornar o sujeito da psicanálise (Vattimo, 2018a, p. 35).

Um sistema de mediação que torna a subjetividade menos peremptória, menos categórica e decisiva, nos desvencilha de toda e qualquer objetividade da realidade.

Vattimo, em sua obra *Para além da interpretação*, define as pretensões da objetividade metafísica como a presença do ser de maneira definitiva, como um fundamento último. Esse dogmatismo é assim definido por ele:

[...] enquanto pensamento da presença peremptória do ser – como fundamento último diante do qual é possível apenas calar-se e, talvez, sentir admiração – que a metafísica se configura como um pensamento violento: o fundamento, só se dá na evidência, incontroversa e que não deixa mais espaço para perguntas posteriores, é como uma autoridade que cala sem “dar explicações” (Vattimo, 1999, p. 52).

Ao reivindicar qualquer acesso privilegiado ao ser, por qualquer autoridade, seja ela “autoridade política, o Deus ameaçador e bizarro das religiões naturais, a ultimidade sagrada da consciência (a ferida no narcisismo do eu, como Freud a chamou)” (Vattimo, 2018a, p. 35), é cessada qualquer possibilidade de diálogo. Essa busca pelo fundamento último diante do qual é possível apenas calar-se ou admirar-se, pode legitimar toda a forma de abuso e violência contra o outro.

Outro ponto importante é que o próprio Vattimo (2018a) reconhece que, ao utilizar a noção de secularização a fenômenos tão diferentes, corremos o risco de cair no arbítrio. Então, Vattimo prefere falar de enfraquecimento ou debilitamento, considerando a secularização como um caso muito representativo, um caso eminente de enfraquecimento (debilitamento), porém, fazendo a ressalva de que a secularização continua sendo central por evidenciar o significado de todo o processo.

Por todos esses motivos é que Vattimo acredita poder falar “de secularização positiva como traço característico da modernidade” (Vattimo, 2018a, p. 36).

Aqui, gostaríamos de fazer um contraponto bastante importante em relação à interpretação dada por Vattimo à *Kênosis* de Deus como uma passagem central do cristianismo. O texto bíblico utilizado na obra *Crer que se crê* é a Carta de Paulo aos Filipenses 2.7. Nessa carta, Vattimo destaca o papel do esvaziamento de Deus. Para Pieper, esse detalhe ressaltado por Vattimo “é parte de um hino composto antes do apóstolo Paulo. Na sua versão completa, ele trata de várias etapas da vida de Cristo: pré-existência, encarnação, morte na cruz e glorificação” (Pires, 2007, p. 215).

O termo esvaziar é o termo que interessa para Vattimo e a passagem fundamental do cristianismo. Para Pieper, ao definir o cristianismo a partir da *Kênosis*, Vattimo acaba sendo muito seletivo na sua interpretação cristã. Ainda segundo esse

autor, “a *Kénosis* faz parte de um conjunto maior. Este Jesus que assume a fraqueza como possibilidade é o mesmo que se tornará *Kýrios*, Senhor” (Pires, 2007, p. 216). Pieper ressalta ainda que

[...] ao analisar a teologia de Paulo, percebemos que o evento salvífico não está na encarnação. Paulo reserva este ato à morte e à ressurreição, de maneira que o esvaziamento é acompanhado por sua exaltação e sua majestade. Os milagres e prodígios que abundam nos evangelhos ressaltam este aspecto de um Deus que assume a forma humana sem abandonar sua natureza divina (Pires, 2007, p. 216).

Pieper reconhece que a crítica à apropriação que Vattimo realiza do cristianismo poderia ser minimizada por dois aspectos importantes

[...] Em primeiro lugar é “fundamental lembrarmos que a referência a Paulo não se configura como uma prova textual de sua posição filosófica. [...] Além do mais, a ênfase no elemento *kenótico* da tradição crista permite a Vattimo compreender a secularização como a realização plena do cristianismo, ressaltando o papel que a hermenêutica desempenha como realização plena do cristianismo. [...] Em segundo lugar, é fundamental atentarmos para a influência do pensamento de R. Girard na compreensão que Vattimo possui do Cristianismo (Pires, 2007, p. 217).

Como podemos observar, existe uma ressalva bastante importante sobre a centralidade dada por Vattimo à *Kénosis de Deus* – passagem que é considerada fundamental do cristianismo na interpretação de Vattimo. O debilitamento de Jesus na encarnação como possibilidade, não seria, portanto, a parte final do evento salvífico que Vattimo procura destacar. A parte final estaria na ressurreição, quando Jesus se torna o Senhor. O autor do *pensiero debole* faz uma reinterpretação bastante seletiva à procura, talvez, de reforçar o debilitamento de Jesus. Porém, existem também outras interpretações que poderiam nos ajudar a minimizar essa crítica, que foram destacadas por Pieper, como a própria influência de René Girard na compreensão do cristianismo de Vattimo.

3. Ontologia debole, herança cristã e ética de não violência: uma relação de circularidade.

Vattimo procura estabelecer uma relação entre a secularização e a ontologia *debole* (do enfraquecimento). Para ele, ao fazer essa relação, conseguiríamos propor desenvolvimentos significativos na filosofia da história, conferindo ao enfraquecimento e à secularização o significado de um fio condutor crítico, com implicações avaliativas.

Note que Vattimo parece querer nos conduzir a reavaliar pensamentos fortes, debilitando-os para que possam ser distorcidos e ultrapassados. Esse processo de enfraquecimento no retorno da religião é o próprio processo de secularização.

Para que esse processo de enfraquecimento seja justificado em bases teóricas, Vattimo utiliza-se do discurso heideggeriano de que não há “traços objetivos do ser em relação aos quais deveríamos criar um consenso e aos quais nós deveríamos conformar” (Vattimo, 2018a, p. 37). Essa posição de consenso ou conformação em relação aos traços objetivos do ser são posições metafísicas ou, até mesmo, metafísica-historicistas que precisariam ser enfraquecidas.

A saída dessa posição metafísica ou metafísica-historicista é pensar o ser fora da metafísica da objetividade, e precisaríamos “fazer isso justamente por razões éticas (Vattimo, 2018a, p. 37). Naturalmente, essas razões devem ser nossas guias na elaboração das consequências e implicações de uma concepção não metafísica do ser como uma ontologia do enfraquecimento.

Esse ponto é bastante importante na teoria de Vattimo, pois a herança cristã que retorna no *pensiero debole* é a “herança do preceito cristão da caridade e de sua rejeição à violência” (Vattimo, 2018a, p. 38). Nesse ponto da análise, Vattimo descreve novamente uma relação de “circularidade” entre aspectos importantes:

[...] da ontologia fraca, como vou mostrar agora, “decorre” uma ética da não violência; mas somos conduzidos à ontologia fraca, desde suas origens no discurso heideggeriano sobre os riscos da metafísica da objetividade, porque em nós age a herança cristã da rejeição à violência (Vattimo, 2018a, p. 38).

Para que essa relação de circularidade ocorra, é necessário que reconheçamos que a história do ser tenha um “sentido redutor, niilista, uma tendência em afirmar a verdade do ser mediante a redução das imponências das entidades, por termos sido educados na tradição cristã” (Vattimo, 2018a, p. 38).

Nessa relação circular entre herança cristã, ontologia do enfraquecimento e ética da não violência, um tema bastante importante é a linguagem mítica, presente na religião e que se torna de grande importância para compreender os desafios da sociedade moderna. Para Vattimo (1992), o mito significa, de fato, narração. O mito se distingue de o saber científico pôr um aspecto específico positivo: a estrutura narrativa.

[...] Podemos chamar de uma teoria de racionalidade limitada aquele conjunto de atitudes culturais que consideram o saber mítico, na sua qualidade essencialmente narrativa, como uma forma de pensamento mais adequada a certos âmbitos da experiência, sem contestar, ou sem por explicitamente em questão, a validade do saber científico-positivo para outros campos da experiência (Vattimo, 1992, p. 42).

A sociedade moderna procurou desmitificar alguns valores presentes em outras culturas, classificando-as como “atrasadas” ou “arcaicas”, quando comparadas à civilização ocidental idealizada como hegemônica. O resultado é uma nova concepção mítica do mundo. O processo de emancipação da razão e conceitos unitários de história são uma nova roupagem do pensamento mítico que estamos relacionando a o que Vattimo chama de “imponência de entidades”. O que isso significa?

O filósofo italiano cita como “imponência de entidades”, um amplo espectro de abrangência, a saber: “autoridade política, o Deus ameaçador e bizarro das religiões naturais, a ultimidade peremptória do sujeito moderno como garantia de verdades” (Vattimo, 2018a, p. 38). Todas essas imponências de entidades, políticas, religiosas ou pessoais, ao serem pensadas com um fio condutor da redução das estruturas fortes, orientadas a uma ética de não violência, fora de uma objetividade metafísica, levamos a reformular de outra maneira um apelo, para Vattimo, um “chamado” que lhe fala “a tradição na qual se encontra e da qual a ontologia fraca é apenas uma interpretação arriscada” (Vattimo, 2018a, p. 38).

Essa relação que Vattimo procura estabelecer, portanto, conta com três eixos fundamentais: herança cristã, ontologia do enfraquecimento e ética da não violência, reconhecendo que, ao “fundamentar” uma ética da não violência em uma ontologia do enfraquecimento, pode sim parecer um retorno à metafísica, pela qual a moralidade coincide com o reconhecimento e o respeito de essências ou de leis naturais. Porém, em sua defesa, destaca que:

[...] se a ontologia que estamos falando fala do ser como algo que se subtrai constitutivamente e cuja subtração se revela também no fator de o pensamento não poder ser mais espelhamento de estruturas objetivas, mas apenas interpretações arriscadas de heranças, apelos, proveniências, então esses riscos parecem ser totalmente imaginários, mero fantasma lógico (Vattimo, 2018a, p. 39).

O único conteúdo dessa filosofia da história é a consumação de toda filosofia objetiva da história. Tem o caráter paradoxal de uma filosofia não metafísica, que acredita poder falar ainda do ser e uma tendência sua, um caráter de interpretações razoáveis, segundo Vattimo, da nossa condição, aqui e agora, e que não pretende ser válida do ponto de vista “universal ou de nenhum ponto de vista, mas que sabe que provém e se dirige a o que está implicado no processo, e que, portanto, nunca teve dele uma visão neutra, mas arrisca sempre uma sua interpretação” (Vattimo, 2018a, p. 40).

Vattimo (1994) busca encontrar em pensamentos filosóficos razões para superar ou ultrapassar a metafísica. Declara sua preferência pelo pensamento de Heidegger, e acredita que as razões para superar ou ultrapassar a metafísica sejam éticas. Não há possibilidade de superar a metafísica e substituí-la por outros conceitos novos, por fundamentos últimos novos. Caso o fizéssemos, estaríamos na mesma lógica metafísica. Deve-se fazer uma ultrapassagem (*Verwindung*), uma aceitação-distorção de uma herança metafísica que recebemos e que devidamente enfraquecida poderia ser reenvidada.

Vattimo declara, desde o início do seu pensamento, que as ideias de Heidegger indicam que precisamos superar as pretensões da objetividade metafísica e suas implicações ético-políticas. Então, o motivo para superar a metafísica é basicamente esse: superar as pretensões da objetividade da metafísica sobre a realidade, entendendo que a objetividade metafísica é o que nos leva à violência. Evitar a violência é o pensamento ético-político e religioso que Vattimo procura.

Considerações finais

A experiência do niilismo é para Vattimo, uma experiência desligada de pretensos valores últimos. A ideia de verdade é consumada quando imposta pelo homem, ou pela ciência e pela técnica que, apesar de revelarem seu caráter interpretativo, acabam por manipular a positividade do ser humano. O pensamento que identifica o ser como um dado objetivo é um pensamento metafísico que nosso autor relaciona diretamente com a violência. O ser é um evento que acontece e toda concepção objetivista do ser é uma concepção metafísica que precisa ser dissolvida, precisa passar pelo processo o niilista.

O filósofo italiano relata que, a partir de suas reflexões sobre a obra de René Girard, inicia seu pensamento sobre a relação entre filosofia (*pensiero debole*) e mensagem cristã. Para Vattimo, conhecer a obra de Girard significou descobrir que Jesus tinha vindo para revelar qualquer coisa que as religiões naturais não haviam revelado. Revelação que lhe permitia dissolver numerosas crenças que eram próprias das religiões naturais. Para Vattimo, após as leituras de Girard, a palavra secularização passa a representar a efetiva realização do cristianismo como uma religião não sacrificial. Vattimo assume uma postura niilista da ontologia hermenêutica, afirmando que o cristianismo é uma religião centrada na encarnação de Deus e na caridade.

Vattimo propõe então que a secularização seja vista como “relação de proveniência de um núcleo sagrado do qual nos afastamos e que, todavia, permanece ativo, mesmo em sua versão “decaída”, distorcida, reduzida a termos puramente mundanos etc.” (Vattimo, 2018a, p.9). Se para Girard o mistério do sacrifício é a estrutura básica de vítima de toda cultura humana; Vattimo interpreta que Heidegger expõe o segredo da metafísica, que é justamente o esquecimento do ser e a identificação deste como objetividade.

O significado da história para Girard e Heidegger, assim como Vattimo os lê, é a emancipação da violência. Baseado nisso, postula uma relação de circularidade entre Ontologia *debole*, herança cristã e ética de não violência. Essa é a relação de circularidade que Vattimo procura estabelecer entre secularização e enfraquecimento do ser, propondo analisar pensamentos fortes, tentando pensar o ser fora da objetividade metafísica. A objetividade metafísica precisa ser superada, pois envolve violência. Temos que superar a metafísica por razões éticas, pois qualquer objetividade metafísica é o que nós levamos a violência. Repudiamos a violência porque temos a herança cristã constituída em nossa Cultural Ocidental.

A condição humana, para o autor, precisa ser valorizada e aperfeiçoada constantemente e, para isso, precisamos purificar a fé. A condição pós-moderna de secularização deve ser vista, então, como a *Kênosis* de Jesus que, na interpretação de Vattimo, é o pacto entre Deus e seu povo, que deve prosseguir à obra de educação iniciada por Deus. Entender o cristianismo secularizado nos seus aspectos de ensinamentos e transmissão de mensagens através da *Kênosis* de Jesus nos possibilita ver essa encarnação de Deus como uma ontologia de enfraquecimento, ou da atualidade, na qual o Deus cristão rompe o vínculo com a violência e o sagrado.

Para Vattimo a *Kênosis* de Jesus é uma expressão radical de uma pedagogia divina que ainda está em andamento, e na condição pós-moderna, a secularização tem um limite que é a caridade. A releitura do cristianismo, baseada na caridade, resulta no cristianismo que pode ser enfraquecido de suas superstições metafísicas e reinterpretar a mensagem evangélica.

Na reinterpretação niilista da herança cristã feita por Vattimo, a secularização é vista como a efetiva realização do cristianismo como religião não sacrificial.

Referências

ANTONELLO, Pierpaolo (Org.); VATTIMO, Gianni; GIRARD, René. **Cristianismo e Relativismo**. Verdade ou fé frágil? Aparecida/SP: Santuário, 2010b.

GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. Trad. Martha Conceição Gambini. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A, 2008.

PIEPER, Frederico. **A vocação niilista da hermenêutica: Gianni Vattimo e a religião**. 2007. 267f. Tese (Doutorado) – Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião. Programa de pós-graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo, 2007.

ROVATTI, Pier Aldo; VATTIMO, Gianni. **Il pensiero debole**. Milano: Feltrinelli, Prima edizione nell' "Universale Economica"- SAGGI Aprile 2010

SCOPINHO, Savio C. D. **Filosofia e Sociedade Pós-moderna: Crítica filosófica de G. Vattimo ao pensamento moderno**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

VATTIMO, Gianni. **A Sociedade Transparente**. Lisboa: Relógio d'água, 1992.

VATTIMO, Gianni. **Para além da interpretação: o significado da hermenêutica para a Filosofia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

VATTIMO, Gianni. **A Tentação do Realismo**. Rio de Janeiro: Lacerda Ed.: Instituto Italiano di Cultura, 2001

VATTIMO, Gianni. **Depois da Cristandade: por um cristianismo não religioso**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

VATTIMO, Gianni. **Crer que se crê: é possível ser cristão apesar da Igreja?** Petrópolis/RJ: Vozes, 2018a.

VATTIMO, Gianni; PATERLINI, Piergiorgio. **Não ser Deus: uma autobiografia a quatro mãos / Gianni Vattimo, Piergiorgio Paterlini**. Trad. Federico Carotti. Petrópolis/RJ: Vozes, 2018b.

*Submetido em 16/01/2023
Aceito em 25/09/2023*